

“Oxalá não tenhamos de acabar por pedir perdão aos nossos filhos e netos, pelo desastre que lhes deixamos em herança”.



a mudança climática e a contaminação

“adeus, planeta, adeus”,
clama o teólogo jesuíta GONZÁLEZ FAUS,
perante a crise do meio ambiente

AS MANIFESTAÇÕES DE PROTESTO são importantes, mas insuficientes. Tal como a febre, elas são um alarme, mas não o remédio. Se tivermos em consideração o drama ecológico, forçoso é reconhecer que, neste caso, o medicamento é muito difícil de administrar. Hoje em dia, não é ser pessimista afirmar que, humanamente falando, o nosso planeta já não tem solução. Embora, em teoria, a pudesse ter.

Essa recuperação, porém, (e já não sabemos se poderá ser plena) necessita de medidas urgentes e muito dispendiosas. E seria ser hipócrita pretender curar um cancro com paracetamol.

1.- Austeridade? Em situações de crise, recorre-se a uma palavra mágica: austeridade. Experiências recentes, porém, recordam-nos que, na passada crise, a austeridade foi, apenas, para os mais pobres, enquanto pretendia alcançar a prosperidade dos mais ricos. Deveria falar-se antes de uma austeridade “proporcionada”.

Urge acabar, rapidamente, com a energia proveniente do carvão, e, pouco a pouco, com a nuclear. Há que promover todas as energias renováveis, que não são baratas. Porém, compreende-se, perfeitamente, que os países que vivem do carvão se neguem a abandonar esse meio de vida, se não forem justamente recompensados.

Há que acabar, também, com todo o esforço e dinheiro dedicados ao fabrico de armas e à corrida aos armamentos. E com a injustiça de uns se julgarem no direito de possuir armas nucleares, enquanto negam esse direito aos outros, com a desculpa egoísta e simplista de que eles são “os bons” da fita da vida, e os outros são “os maus” (como argumentam por exemplo os Estados Unidos em relação à Turquia, e Israel em relação ao Irão).

É necessário reduzir ao mínimo indispensável o

E é aqui que começam os problemas. Porque a existência de tantas diferenças no nosso planeta implica: medidas duríssimas para todos os multimilionários e super-ricos. Medidas bastante sérias para os simples milionários. Uma austeridade normal, com algumas diferenças, para as chamadas classes médias. E uma austeridade mínima para os mais pobres: uma austeridade quase mais de desejos que de realidades. Vejamos alguns exemplos desta austeridade:

uso dos plásticos, tão cómodos, tão simples e tão práticos...

E há mais exemplos do mesmo teor (pensemos no transporte e gestão da água...). Mas os já citados são suficientes para provocar o seguinte comentário: “isso é pura utopia”. E a resposta

lógica: é precisamente por isso que é impossível salvar o planeta.

Este duro diagnóstico é confirmado pelo aviso de St. Hawking pouco antes de morrer, e pelo que se diz que estão tentando os espertinhos de turno: arranjar as coisas em Marte, de modo a poderem mudar-se para lá. Para isso, com certeza que haverá dinheiro: para “terrificar” Marte, depois de ter martirizado a Terra.

2.- Propriedade! Resta uma segunda parte: estamos perante um desses medicamentos caríssimos que não há segurança social nenhuma que pague. Como financiá-lo? Muito simplesmente: despojando os poucos multimilionários e um bom número de milionários do planeta Terra, de toda a sua fortuna roubada. Recuperando a verdadeira ética da propriedade, que defende que o direito de propriedade privada, apenas se estende aos bens que alguém necessita para levar uma vida sóbria e digna. Tudo o que vá para além disso é, simplesmente, um roubo. Cada pessoa pode ter direito a uma (ou até a duas) vivendas. Mas a cinco mansões de luxo (em Paris, Nova Iorque, Tóquio...), a isso ninguém tem direito.

É já velho o provérbio de João Crisóstomo: “todo o rico é ladrão ou filho de ladrão”. Isto ganhou, hoje em dia, ainda mais sentido, em vez de a perder. Devia existir um limite máximo legal de propriedade (suponhamos, por exemplo: meio milhão ou um milhão de dólares). E que as pessoas fossem despojadas de tudo o que ultrapassasse esse limite (e que já não lhes pertence), esses figurões detentores de centenas de milhares de milhões, enaltecidos nas listas de Forbes. Deste modo se conseguiriam centenas de milhares de dólares

que ajudariam a financiar esse programa caríssimo. Isso sim, seria uma verdadeira austeridade!

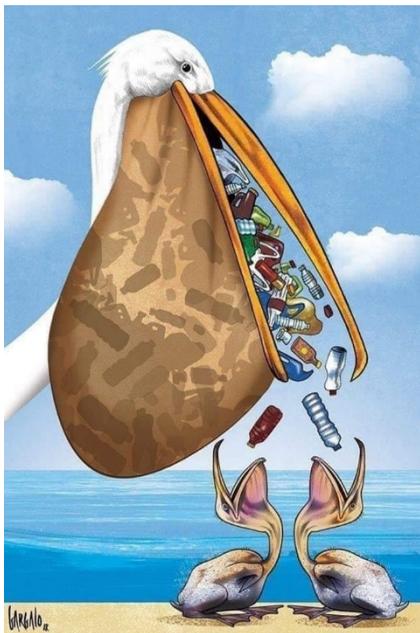
Em todo o caso, é a própria Terra que nos confirma o diagnóstico de Ignacio Ellacuría: “A humanidade só terá solução numa civilização de sobriedade partilhada”. Quase metade do planeta, porém, não está disposta a enveredar por aí.

3.- Autoridade. Yello reclama uma verdadeira autoridade mundial, em vez desse fantasma de boa vontade chamado ONU. Uma autoridade indispensável para que a chamada globalização não passe duma ocupação camuflada; e que, além disso, reserve para si todo o uso da força espalhada pelo mundo em seu nome. Uma autoridade democrática, mas responsável.

Curiosamente, recuperaríamos, assim, toda a perda de valores da nossa Modernidade. Ao invés do que se crê, não somos filhos de Kant ou Hegel, mas antes de Hume, Locke e desses autores que representam o chamado “individualismo possessivo”

(C. B. MacPherson).

O Iluminismo declarou, com toda a razão, a chegada do ser humano à “maioridade”. Esta, porém, nunca significou, mecanicamente, uma etapa de maior qualidade humana, mas antes uma etapa de maior responsabilidade, precisamente por passarmos a dispor de maior liberdade. E o nosso gênero humano parece ter alcançado a sua idade adulta, conservando uma clara menoridade no que respeita à categoria humana.



do cartunista português, Vasco Gargalo

Se ainda fôssemos “menores de idade”, os bispos poderiam, por exemplo, **“propor rogativas” a pedir ao céu que remediasse os desastres por nós cometidos.** Porém, quem não crê em Deus, ou quem crê em Deus duma forma adulta, sabe que Ele não intervém neste mundo como se fosse uma causa interna desse mesmo mundo. Deus, simplesmente, o criou e o colocou nas nossas mãos para que cuidássemos dele e o fôssemos tornando

habitável, nos locais onde não o era.

Há de discutir-se até ao fim dos tempos a existência ou não de milagres. Mas o certo é que, se eles existem, nós não temos nenhum direito a exigí-los. Quando um bebé atira com um prato ao chão e o parte, os pais recolhem os pedaços e passam a esfregona. Mas quando se trata de um filho adulto, é ele próprio que faz esse trabalho. Em qualquer dos casos: *se Deus existe, não está disposto a resolver os nossos problemas, mas a dar-nos a luz e a força necessárias para os resolvermos nós mesmos.* Luz e força que passam pelas medidas antes referidas.

Oxalá, pois, não tenhamos de acabar por pedir perdão aos nossos filhos e netos, pelo desastre que lhes deixamos em herança. Porque também há uma lei histórica segundo a qual, muitas vezes, quando fazemos tudo o que é possível, surge uma solução inesperada.

Um bispo sem mitra e sem báculo. Sua mitra, um chapéu de sertanejo; seu báculo, um remo, seu anel, de tucum. Sua casa sempre aberta para qualquer pessoa, sua vida exposta. Pela libertação dos seus, muitas vezes, esteve fisicamente em perigo vital real. Talvez não o mataram, porque, como diz o Salmo, os anjos lhe protegeram, porque é tocado pelo dedo de Deus que escuta e sente o clamor de seu povo oprimido.



o bispo que não vai para o céu

No Araguaia, PEDRO CASALDÁLIGA evangeliza combatendo o colonialismo e despertando a ira da elite local, ao denunciar os seus crimes. Num mundo dividido por muros e ódios, o seu exemplo é inspirador: o paraíso também pode ser construído na terra, escreve ANA HELENA TAVARES, em artigo publicado por *Carta Capital*, 18-04-2019.

*“Quem fica um dia na floresta, quer escrever uma enciclopédia.
Quem fica cinco anos, quer ficar em silêncio para contemplar”.*

(Pedro Casaldáliga)

O uvi falar de Pedro pela primeira vez por intermédio de D. Waldyr Calheiros, no início de 2012. D. Waldyr, então bispo emérito de Volta Redonda e Barra do Piraí (RJ), contava-me, durante uma entrevista sobre a ditadura, que tinha recebido em sua casa presos políticos recomendados aos seus cuidados por D. Pedro Casaldáliga, vindos “lááááááááá” da Prelazia de São Félix do Araguaia. Ele pronunciava o “lááááááááá” assim numa forma bem longa, e como, então, me pareceu “tão distante” aquele lugar!

Após entrevistar D. Waldyr, sonhava entrevistar D. Paulo Evaristo Arns, para falar sobre a ditadura. Liguei para a arquidiocese de São Paulo, mas fui informada de que, por problemas de saúde, D. Paulo já não dava entrevistas.

Quem me atendeu foi o padre Cido, a dizer que, se eu andava à procura de pessoas da Igreja Católica para falar sobre a ditadura, tinha de ir ter com D. Pedro Casaldáliga. Eu respondi: “Mas ele vive ‘lááááááááá’ no Araguaia.” Resposta do padre: “Sim, mas vale a pena.” Alguns meses depois, “lááááááááá” estava eu.

Não tive muitas oportunidades de conviver com Pedro. E, ao escrever este livro, lembro-me constantemente da sua frase que coloquei no início deste texto. Não fiquei por lá apenas um dia, mas fiquei muito pouco, e talvez fosse

por isso que quis escrever esta biografia.

A primeira vez foi em setembro de 2012. Fui de autocarro, viagem que, - vim depois a saber - Pedro fez durante toda a sua vida. Quando já estava quase a chegar, o meu autocarro foi travado por um protesto de agricultores posseiros que se oponham à desocupação de terras indígenas. Tive de descer, filmei e conversei com algumas pessoas.

Um homem com um chapéu à cobói, daqueles usados pelos fazendeiros, quis ajudar-me e perguntou qual era o meu destino. Meio desprevenida, disse: “Vou entrevistar D. Pedro Casaldáliga.” O homem teve um choque, olhou-me fixamente nos olhos e desapareceu: “Eu arranjo um carro para a levar, mas fique sabendo que aquele bispo não vai para o céu.” Aceitei a boleia e, ao chegar à casa de Pedro, fiquei a pensar que ali já era o céu.

Ao fim da entrevista, Pedro tocou-me no ombro e disse, com aquela sua voz baixa, mas firme, como deviam ser todas as vozes: “Nunca se esqueça das causas da vida.” Saí de lá de noite, novamente de autocarro. Lembro-me de olhar pela janela e de imaginar que nunca mais ali voltaria. Voltei. Em abril de 2016, com o meu primeiro livro: *O problema é ter medo do medo* — título inspirado na entrevista de Pedro, uma das vinte e seis que compõem o livro.

Perguntei-lhe onde poderia fazer o lançamento daquele meu livro. Não sabia se seria adequado servir-me da catedral, visto que as celebrações que lá se fazem têm sempre muita gente que não concorda com as suas ideias. Ele, porém, não teve dúvidas. “Vá à catedral. A gente não lança a rede num aquário, a rede lançamo-la é no mar.” Um dos ensinamentos que me ficou para toda a vida.



Mas, quatro anos após a primeira visita, eu queria levar-lhe, para além do livro, a certeza de que não me iria esquecer das causas da vida, e a notícia de que, no auge da minha ousadia, pretendia biografá-lo. Ou “causografá-lo”, como ele prefere.

Ainda em 2016, já em novembro, voltaria pela terceira vez. Agora para participar do Dia Nacional da Juventude (DNJ). Foi quando tive oportunidade de ficar mais tempo, e de acompanhar um pouco o quotidiano da casa de Pedro. Desde a fé renovada, todas as manhãs, durante a oração comunitária na capelinha do seu quintal, até à possibilidade de observar a sua

paixão pela natureza, em especial pelo rio Araguaia. “Está um bonito dia, menina, vá passear de barco pelo rio”, recomendou-me o bispo.

Obedeci, é claro. E deixem-me dizer que, quando ele disse aquilo e riu, eu retirei dali um grande ensinamento de resiliência. Aprendi que a alegria acalenta em si uma chama revolucionária, neste mundo em que os poderosos se regozijam da tristeza do povo. De idade avançada e debilitado fisicamente, não há muitos que consigam sorrir e ver a importância de um passeio de barco.

Quando regressei, à hora do almoço, perguntou-me: “Como vai a nossa biografia?” Fiquei feliz pela demonstração que ali deu de ter plena consciência do trabalho, mas o que mais me chamou a atenção foi a primeira pessoa do plural. “A nossa biografia?” Ora, o normal era que qualquer outra pessoa dissesse “a minha biografia”. Mas para Pedro não é assim. Para ele, tudo é coletivo.

É possível dizer como, ao almoçar comigo numa padaria, comentou Eduardo Suplicy, em janeiro de 2017, e saber pelo título deste livro, que, no mundo atual, Pedro representa uma “antítese de Trump”. É verdade. Enquanto o presidente dos Estados Unidos simboliza um mundo dividido por muros e ódios, para Pedro, os muros e as cercas “impedem-nos de viver e de amar”.

E, embora as pessoas que

representam esta antítese pareçam invisíveis, existem milhares de discípulos das ideias de Pedro, no Brasil e no mundo. Nas redes sociais, muitas pessoas usam Casaldáliga como sobrenome, simplesmente como homenagem. Muitas delas, religiosas ou não, atuam nos diversos organismos missionários e nas pastorais sociais. A semente da coletividade, da fraternidade e da esperança foi plantada por Pedro de maneira definitiva. O seu livro *Pedro Casaldáliga*, do qual retirei muitas informações, é um hino de amor à humanidade, uma ode à liberdade.

Lançar-me, ainda jovem, na aventura de biografar alguém de vida tão fascinante, um homem que muitos consideram um santo, pode parecer, mais do que uma ousadia, um atrevimento. E é. Mas amparo-me no incentivo de quem veio antes de mim, como o jornalista catalão Francesco Escribano, autor do livro *Descalço sobre a terra vermelha*, que me escreveu uma animadora

dedicatória no seu livro, na qual dizia esperar por outro livro sobre Pedro. Apoio-me, também, nas palavras que ouvi ao cineasta Silvio Tendler, autor de premiados documentários biográficos: “A revolução não persiste se não houver quem a conte”, encorajou-me Silvio.



Apoio-me ainda no próprio Pedro que, em frase publicada no livro de Escribano, declara: “Somente se pode equivocar aquele que se aventura. Se fechas as portas a todos os erros, arriskas-te a fechar as portas à verdade.” Aventurei-me, pois, sabendo que equívocos e erros são naturais a quem não fica parado.

